

A busca pelo sentido da existência

“A literatura e a filosofia (...) são dois caminhos possíveis para uma mesma viagem. A viagem que nos conduz à verdadeira experiência humana, ou seja, a experiência do sentido.”¹ Acreditando na viagem como uma busca, a alma humana procurou, procura e procurará sempre, desejar o impossível e nesse sentido, procurar é tão importante quanto descobrir.

No entanto, “Às vezes, ser humano é difícil (...) entre o que desejamos e o que conseguimos alcançar vai muitas vezes uma longa distância, assim surgindo uma desconcertante e íntima desproporção. Perseguimos a felicidade e o equilíbrio e é o desassossego que tantas vezes se instala.”²

Efetivamente, nas histórias narradas em prosa ou poesia desde Platão, Kafka, Antero, Pascoaes, Agostinho da Silva, e tantos outros autores, o que procuramos senão um modo de apaziguar esse desassossego? Quantas vezes perdido na difícil gestão da sua vida diária, o ser humano, de forma mais ou menos inconsciente, investe numa incessante procura de si, aguardando a sua própria aparição, isto é, buscando compreender-se a si mesmo e tentando conferir sentido ou sentidos ao seu próprio existir.

É nesta linha que centramo-nos sobretudo, no pensamento de Vergílio Ferreira, uma vez que, assenta numa permanente interrogação e numa esperança de se apreender a verdade última das coisas, o mistério da condição humana e por inerência, o sentido da vida do homem enquanto existente concreto. Daí que o seu encontro com autores estrangeiros como Camus, Sartre, Heidegger, Kierkegaard, Unamuno, Malraux, Jaspers e entre nós Raul Brandão fosse inevitável e a corrente existencialista, seja aquela que mais sustenta a sua obra.

Ao autor de *Aparição* interessava problematizar a realidade, e nela se inclui o grande tema da sua obra, **o homem e os seus problemas, ou o homem como problema**, como nos comprova com estas palavras: “*O meu grande tema é, pois, a interrogação fundamental sobre a justificação da vida e do destino do homem, sem que todavia isso implique o esquecimento de tudo quanto aí «de religioso» se inclui,*

¹ Natário, Celeste, *Diálogo entre Filosofia e Literatura: nas travessias do pensamento grego e português*, Universidade do Porto, p. 1

² Cf. *Ibidem*, p.1

*implicando antes a sua superação. Assim, a temática dita «existencial» me tocou, mormente no que importou a um Heidegger e a um Jaspers.»*³

No ensaio *Invocação ao Meu Corpo*, afirma Vergílio Ferreira que: *“Há uma verdade além da verdade, há uma beleza além da beleza, há um mundo além do mundo e só aí ele existe, como o belo e o verdadeiro.”*⁴

Ora, estamos perante um pensamento em que a par de um plano do visível, há o do invisível, e verdadeira realidade, mas rodeada de mistério e o sonho do homem, porque é homem e este aspira encontrar-se consigo mesmo, é desvelar esse mistério e poder reconhecer-se no Todo que é, entre a Terra e o Céu.

Nesta busca, viagem, caminho, aquele que se constitui como o seu caminho, o da interrogação, porque se situa na perplexidade e no espanto original, à semelhança da raiz de onde brota toda a Filosofia, vamos encontrar um pensamento existencial marcado pela angústia, pelo desespero, pela solidão, pela ausência de um Deus, que dignifica a existência humana⁵, pela morte, facto que talvez o pensador a partir de *Manhã Submersa* nunca tenha superado.

Posto isto, Vergílio Ferreira, propõe-nos a reflexão sobre a interioridade do sujeito, na medida em que se trata de assinalar o excessivo do humano, aquilo que ultrapassa o seu existir concreto e culmina num desejo de transcendência, ainda que no fim afirme que o homem está só, habita no silêncio de si próprio, no fracasso, na angústia, na morte e no absurdo, à semelhança das personagens de Malraux, autor com o qual mais dialogou. Em *Aparição* o autor existencialista escreve: *“A verdade aparece e desaparece. (...) Vivi, agi, toquei com as mãos tanta ilusão consistente. Depois a ilusão desfez-se. Ficou, porém, o rasto do que toquei, o gesto das minhas mãos – essa última união com o que quis, acreditei. Então eu descobri que as mãos estavam impuras.”*⁶

Dá que, o nosso autor exprimisse o desejo de escrever um «romance-problema» que se situasse na ordem do essencial, da transcendência, da «outra zona» onde se inaugura e funda a nossa existência: *“Ah, escrever um romance que se gerasse nesse ar rarefeito de nós próprios, do alarme da nossa própria pessoa, na zona incrível do*

³ Ferreira, Vergílio, *Um Escritor Apresenta-se*, prefácio e notas de M^a da Glória Padrão, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, p. 207

⁴ Ferreira, Vergílio, *Invocação ao Meu Corpo*, Lisboa, Portugal Editora, 1969, p. 52

⁵ São inúmeras as passagens de Vergílio Ferreira relativamente à questão da ausência de Deus, entre elas encontramos em *Aparição* as seguintes palavras: *“Deus está morto porque sim. (...) Deus se me gastou. Só sei que não está certo que ele viva. Sei que ele é absurdo porque o é. Sei que ele está morto, porque não cabe na harmonia do que sou. Não cabe.”* Cf. *Aparição*, Lisboa, Bertrand Editora, 1994, pp. 46-47

⁶ Ferreira, Vergílio, *Aparição*, Lisboa, Bertrand Editora, 1994, p. 46

sobressalto! Atingir não bem o que se é 'por dentro', a 'psicologia', o modo íntimo de se ser, mas a outra parte, a que está antes dessa, a pessoa viva, a pessoa absoluta. Um romance que ainda não há..."⁷, ou seja, um romance fruto do espanto original, da admiração, marcado por um sentimento de amor, de afetividade, aquilo que podemos chamar de "sentimento estético" do qual toda a Arte partilha, que nos liga a nós seres humanos a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Tal como em Sartre, para quem "A existência precede a essência", tem o homem de a cada momento se inventar e enfrentar o peso do fim de uma vida. Este destino é sempre bem mais aquele que nos escolhe, do que aquele que escolhemos.

Trata-se do existente que se vê confrontado com «situações-limite», em que os paradoxos da vida e da morte lhe surgem como factos irredutíveis do destino, que não sendo escolhidos, tem de os aceitar.⁸

Não foi fácil o percurso deste autor, tendo no romance *Até ao Fim* escrito: "Estou sucumbido como te não sei dizer. Sofro como um cão. Escorraçado humilhado a pontapés. Mas o que me toma é a cólera ou uma profunda piedade ou lástima pelo teu erro tão grosseiro. Queria talvez admirar-te um pouco, compreender-te, não sou capaz. Se bem te lembras, nunca te pus a mão em cima, tu eras tão precioso. Mas o teu erro estúpido (...). Quero separar-me de ti em harmonia cordialidade. O tiro direto ao teu coração, ao centro do teu enigma, foi como o destino te respondeu."⁹

Com efeito, estamos perante um mundo dilacerado, em que o destino parece exercer a sua ação sem piedade e o homem se vê confinado à fragilidade da sua condição. Trata-se de um universo que reflete o seu absurdo, em que não há sinais, nem fé num além da existência e consequentemente, separa os seres desse mesmo mundo e da ordem que ansiavam ou tanto procuravam, naquela que é a viagem de todos nós. Ao homem de Vergílio Ferreira, à falta de uma comunhão entre si mesmo, resta a solidão e a não comunicabilidade extrema, visto que, a palavra quando chega, já vem tarde em relação ao espanto inicial. Numa passagem de *Até ao Fim*, o nosso autor quase que em jeito de sofrimento, escreve: "Não é que eu tivesse muito a conversar com o meu filho,

⁷ Ferreira, Vergílio, *Estrela Polar*, Lisboa, Portugália Editora, 1967, p. 56

⁸ "(...) não são precisos nove meses, são precisos cinquenta anos para fazer um homem, cinquenta anos de sacrifícios, de vontade, de... de tantas coisas! E quando esse homem está feito, quando nada mais há nele da infância, nem da adolescência, quando verdadeiramente, ele é um homem, nada mais resta senão morrer." Cf. *Ibidem*, p. 254

⁹ Ferreira, Vergílio, *Até ao Fim*, Lisboa, Bertrand Editora, 1992, p. 268

que dorme ali no caixão. Mas o que houvesse a dizer era só entre os dois. (...) Aliás, daqui a umas horas vêm buscar-te e acabou-se a conversa.”¹⁰

Se compararmos com o pensamento de Camus, encontramos como pano de fundo, a noção de absurdo do real e da existência humana, pois o célebre «mito de Sísifo» gira em torno da seguinte questão:¹¹ «A vida vale a pena ser vivida?» Esta interrogação, é claro, equivale imediatamente a outras: «A vida é algo sem sentido?» Se é, «devemos acabar com ela por meio do suicídio?» Tendo em conta que Deus não existe. O que fazer? Responde Camus, à semelhança do nosso autor, que a vida é absurda, pois nela encontramos logo a justificação para a considerarmos absurda. O próprio hábito, a rotina nos mostra que o dia-a-dia é sem sentido e a morte como facto irreduzível representa esse sem sentido ainda maior.¹² Portanto, é pois, o sentimento do absurdo o “*divórcio entre o homem e a sua vida, entre o ator e o seu cenário.*”¹³

Todavia, deve o homem permanecer no seu esforço heróico e, “*em aí nos aguentarmos, tanto quanto possível,*”¹⁴ na medida em que, “*Este coração, em mim, posso senti-lo e decido que ele existe. Este mundo, posso tocá-lo e decido ainda que ele existe.*”¹⁵ Sendo assim, Sísifo, pode representar algumas das personagens que encontramos nos diversos romances existencialistas, sobretudo de vertentes ateia e agnóstica e talvez, possa representar também cada um de nós, na nossa vida diária, no nosso esforço contínuo de percorrermos um caminho que nos faça sentido ou nos dê sentido, pois cada um de nós procura o bem estar e a felicidade e muitas vezes, confrontamo-nos com o tormento indizível em termos de suportar a pedra em silêncio, isto é, a angústia, a dor e o desassossego.

Não poderia deixar de referir, que o pensamento de Vergílio Ferreira, é para mim uma espécie de convite à procura de nós próprios, com todos os segredos que podem ficar por desvendar, mas onde a busca pelo sentido do humano impõe a viagem, mesmo que às vezes nos possamos perder. Se pensarmos nos títulos dos seus romances, aliás, a partir dos quais uma amiga sua fez um poema, mesmo que o *Caminho fique longe*, e ao percorrê-lo, a angústia e o desespero falem mais alto, é obrigatório ir em frente, a fim de se superarem as “pedras”, os obstáculos com os quais Sísifo se vai

¹⁰ Cf. *Ibidem*, pp. 11-12

São inúmeras as passagens que na obra vergiliana, nos permitem um encontro entre o nosso autor e Malraux.

¹¹ Sobre este assunto ver: Camus, Albert, *O Mito de Sísifo*, Lisboa, Editora Livros do Brasil, 2007, p. 15

¹² Cf. *Ibidem*, p. 17

¹³ Cf. *Ibidem*, p. 17

¹⁴ Cf. *Ibidem*, p. 21

¹⁵ Cf. *Ibidem*, p. 151

confrontando, porque o invisível sonho do homem tem que se manter *Para Sempre*, uma vez que, “a maior alegria de que me lembro é de estar vivo, (...) e foi bom ter nascido, e melhor ainda não ter ainda acabado de nascer.”¹⁶ Até ao Fim “é preciso imaginar Sísifo feliz” ou a “A alegria que morreu e me fala ainda,” qual vestígio de esperança nos resta, uma vez que uma *Estrela Polar* posso vislumbrar ainda que numa *Rápida Sombra*, sejam instantes de felicidade e alegria.

Por fim, preocupava a Vergílio Ferreira, o destino do homem e o sentido a dar ao seu existir num mundo aparentemente desorganizado: “Mas o que (...) neste momento mais me preocupa é o destino do homem no mundo de hoje, no mundo que parece estar a começar, mas com uma estruturação complexa. Isso é para mim uma obsessão; mais do que aqueles problemas explicitamente existenciais.”¹⁷

A questão acerca da moralidade ou “Que devo fazer?” num sentido de ação humana prática constitui-se como uma das temáticas mais pensadas em milhares de páginas de obras filosóficas. Se guiarmos a nossa ação, sobre a base de uma racionalidade, de modo a que esta possa ser considerada uma lei universal, poderemos alcançar o estado de respeito pelo outro e pela sua dignidade, valor que não tem preço e “esperar a felicidade na medida em que o homem se tornou digno pela conduta (...) estando o sistema de moralidade inseparavelmente ligado ao da felicidade.”¹⁸ Assim, o nosso agir deverá orientar-se por uma conduta que se imponha como “alternativa ao (ego)centrismo. O Ego é uma das origens da desgraça no mundo.”¹⁹ Portanto, é necessário fazer um convite ao homem, no sentido de uma comunhão consigo mesmo, escolhendo as alternativas que escolher (o Amor, a Arte, a Moralidade), desde que seja “suficiente para nos reconhecermos uns em face dos outros”²⁰ e nos permita viver numa sociedade em que sejam respeitadas as irredutibilidades, porque “não é só a sociedade que vive para as Individualidades, as Individualidades também vivem para a sociedade.”²¹

Em jeito de conclusão, ainda que não o seja “Faz o que pode tornar-te digno de ser Feliz.”²²

¹⁶ Ferreira, Vergílio, *Um Escritor Apresenta-se*, prefácio e notas de M^a da Glória Padrão, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, p. 40

¹⁷ Cf. *Ibidem*, p. 44

¹⁸ Kant, Immanuel, *Crítica da Razão Pura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 642

¹⁹ Calhau, Filipe, *Individualogia*, Lisboa, Chiado Books, 2019, p. 33

²⁰ Ferreira, Vergílio, *Um Escritor Apresenta-se*, prefácio e notas de M^a da Glória Padrão, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, p. 53

²¹ Calhau, Filipe, *Individualogia*, Lisboa, Chiado Books, 2019, pp. 33-34

²² Kant, Immanuel, *Crítica da Razão Pura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 642

